

## TEORIA QUEER: UM ESPAÇO REVOLUCIONÁRIO E DECOLONIAL DA IDENTIDADE

*QUEER THEORY: A REVOLUTIONARY AND DECOLONIAL IDENTITY SPACE*

Yanna Maria Lima Leal de Alencar Pedroza<sup>1</sup>

Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz<sup>2</sup>

---

**Resumo:** O presente artigo visa analisar as referências teóricas em relação à ordem metodológica ao surgimento do queer como teoria, sendo promovida como campo político, sobretudo, a partir de um ideal decolonial, sobre suas formas e expressões nas dinâmicas institucionalizadas do poder. Com objetivo de observar sua função social e relação com a cultura, a criticidade dos estudos de gênero e sexualidade, como também de dominação e objetificação de corpos, realizados por Louro (2021) e Bourdieu (2020), além de Foucault (1999) sobre disciplina. Vale ressaltar sua correlação da produção acadêmica e das artes como um todo, utilizando-se do ambiente cultural como núcleo de aprendizado para a sociedade heteronormativa. Concluiu-se, que a teoria queer como um modo de transformações interculturais, que anseiam sua representatividade, com a potencialidade de ser marco histórico, em embate a uma subalternização de corpos, de performances e conhecimentos.

**Palavras-chave:** corpos; queer; relações de poder; dominação.

---

**Abstract:** This article aims to analyze the theoretical references in relation to the methodological order to the emergence of queer as a theory, being promoted as a political field, above all, from a decolonial ideal, on its forms and expressions in the institutionalized dynamics of power. In order to observe its social function and relationship with culture, the criticality of gender and sexuality studies, as well as the domination and objectification of bodies, carried out by Guacira Lopes Louro and Bourdieu, in addition to Foucault on discipline. It is worth emphasizing its correlation between academic production and the arts as a whole, using the cultural environment as a learning center for heteronormative society. Thus, the queer theory was concluded as a way of intercultural transformations, which yearn for its representativeness, with the potential to be a historical landmark, in conflict with the subordination of bodies, performances and knowledge.

**Key-words:** bodies; queer; power relations; domination.

---

### 1 INTRODUÇÃO

Com a formação das primeiras civilizações, veem-se também os inícios dos espaços de poder, que ao se estruturarem, têm como base ideais que devem ser disseminados e protegidos contra aqueles que estejam contrários, portanto, a um pensamento contraposto àquele estabelecido. E os grupos que operam o poder são os mesmos que escrevem leis e ordenamentos para o restante do povo seguir, é seu interesse a ser respeitado e sua visão a ser seguida, esse é o conceito defendido por Max Weber (2004). Aqueles que não o obedecem sofrem penalidades. Essa violência é legitimada, como o explica o conceito de coação legítima, ao tratar sobre a coação produzida por parte do Estado, que faz parte

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Direito no Centro Universitário Paraíso (UNIFAP). Integrante do Grupo de Estudos em Gênero, Geração e Direito.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências das Religiões (UFPB). Mestre em Sociologia (UFPB). Bacharel em Ciências Sociais (URCA). Docente na UniFap. Coordenadora do Grupo de Estudos em Gênero, Geração e Direito.

de sua estrutura. Ela é essencial para que o Estado racional mantenha-se, onde somente este detém o poderio da coação física legítima, “um meio específico que lhe é próprio, como também a toda associação política: o da coação física” (p.525).

O gênero feminino, que foi alvo de opressões durante toda a história, também não ganhou respaldo ao tratar-se da forma acadêmica. Já que diversos pensadores apenas perpetuavam aquilo que socialmente lhes era dito, como se chama a ação social tradicional, que para Weber (2004), é essa reiteração de costumes enraizados, são crenças fixas na sociedade e seus indivíduos se comportam conforme tal.

Sendo assim, tudo e todos que se contrapõe ao que foi determinado, vítimas por ser diferenciados de todo o resto, ser você mesmo é ganhar um alvo nas costas nessa sociedade de dominação, essa opção é de desafiar todo poder operante e estruturalizado desde o início de agrupamentos de pessoas.

Uma das primeiras formas de dividir tarefas foi o gênero e essa ideia bipartida desenvolve-se em todos os âmbitos, o ambiente laboral, familiar, matrimonial, da mulher sendo o subalterno, o frágil, pequeno e encarregado de atividades não consideradas importantes para o desenvolvimento social do local, como explicado por Bourdieu, dessa influência ao que considera como violência simbólica, em seu livro “Dominação Masculina” (2020). Mas foi igualmente uma forma que obtiveram para representar a sexualidade, logo, o gênero e a sexualidade estariam interligados, de forma estrita, a mulher cis heterossexual, como a forma correta e aceita, pelos discursos religiosos, pregados de forma violenta, e aqueles que desafiassem a palavra sagrada, seriam por eles castigados. O saber, a contestação e o que fosse considerado como errado, iria parar na fogueira, em tempos até mesmo anteriores do que Michel Foucault (1999) dita como o suplício, a tortura era o meio de executar e corrigir desvios.

Portanto, a relação de força envolve todos os indivíduos e que em primariamente Foucault (1999) acredita ser como modo de confronto. E com o conceito de biopolítica, busca exemplificar uma forma de controle sobre todos, utilizando-se de ameaças e jogando os sujeitos em campos de poder, tornando-os em corpos dóceis, aqueles submissos, que obedecem às ordens. É por meio dessa biopolítica que a supremacia comanda o que é normal ou patológico, o que deve ser normalizado ou não, o que é merecedor de ser olhado e ter segunda chance, daquele invisibilizado e agredido.

Dessa forma, os corpos que fogem das pré-disposições sociais, como gênero, que por sua vez é relacionado a sexualidade e identidade, causam o estranhamento. Tem-se como consequência agressões a um modo de ser contrário ao naturalizado, o que Bourdieu (2020) irá tratar sobre os sujeitos homossexuais, que a partir do momento que aparentam comportamentos vistos como femininos, sofrem a ira de outros homens que veem aquele ato como ofensa ao seu gênero. Pode-se analisar dessa forma, como o feminino é

minimizado, enxergado como ofensa aos que se equiparam com ele, uma categoria abaixo da masculina.

Esse mesmo estranhamento às categorias de identificação contrárias aos da normatividade, recebeu a denominação de queer. Em primeiro momento utilizado como forma de humilhação, insulto, ganhou com o passar do tempo, uma resignificação, a de orgulho, retirando o poder da mão de terceiros, que não mais o passaram a atingir com a nomenclatura que hoje é sinal de pluralidade, o ser que merece ser respeitado e ocupar espaços que antes não eram permitidos (LOURO, 2001).

Diante de uma visão social, queer significa colocar-se contra a padronização de corpos, sendo oposição a uma heteronormatividade compulsória, fugindo diante de grupos tradicionais, tentando assumir o “eu” de que é a diferença na sociedade, portanto, construindo um novo modo de política de identidade desse movimento revolucionário.

## 2 CORPORALIDADE QUEER

Além de ser encarado com a hipersexualização, esse grupo representa, entre um comparativo realizado que perpassa as pessoas silenciosamente, como uma violência simbólica (BOURDIEU, 2020), onde o homem cis heterossexual branco da classe média, é tido como a medida de todas as coisas, o que foge dessa taxaço é considerado como delituoso, posto à margem e dele é retirado todos os privilégios inerentes do grupo citado anteriormente. Essa exclusão é contínua, pois assim como aumentaram o contingente de pessoas a defender o movimento, houve de modo crescente também a movimentação contrária, posições extremistas, buscando reafirmar visões tradicionais, por meio da exclusão, anulação do “outro”.

*Em inglês, o termo “queer” pode ter função de subs-tantivo, adjetivo ou verbo, mas em todos os casos se define em oposição ao “normal” ou à normalização. A teoria queer não é um arcabouço conceitual ou metodológico único ou sistemático, e sim um acervo de engajamentos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo se-xual. (SPARGO, 2017, p.13)*

Iniciou-se a utilização da palavra queer, como forma pejorativa de se tratar alguém, comum nos países de língua inglesa, para definir o que era considerado como estranho, além do rebanho, justamente para delimitar o que não deveria ser seguido. Uma das primeiras personalidades conhecidas a serem punidas “por ser queer” foi Oscar Wilde, acusado pelo marquês de Queenberry por tentar seduzir seu filho. O seu único romance é “O Retrato de Dorian Gray”, usado também como forma de prova no seu julgamento, um comparativo à sua personalidade (PIRES, 2005).

Com auxílio dos estudos de gênero, visto que as análises feministas, durante o

século XX, deram engajamento a todos os outros movimentos antes sem pavimentação cultural no meio intelectual, o queer também se torna visível, essas novas mobilidades levam o conceito de direitos humanos até eles. A partir da década de 90, tem-se início do uso dessa expressão, como contraposição, para expor o que é sofrido em toda a comunidade, considerada uma reapropriação, que passa a ser uma teoria que encontra amparo principalmente nos locais acadêmicos.

De fato, com a modernidade, há uma transparência maior de todas as relações (HAN, 2016) que por certo ela inclui e reciprocamente exclui indivíduos continuamente com um filtro social. Até mesmo a circunstância de quem se torna escritor sobre as categorias minoritárias são aqueles que já estão em posição privilegiada. É notável como se torna muito mais aceitável, socialmente falando, a facilidade de discursar sobre corpos brancos, de classe mediana, religião católica e com comportamentos dentro da “normalidade”, esse enquadramento leva o sujeito para o mais perto do cis, pois a visão dos direitos humanos ainda é focalizada nestes.

Enquanto, tudo aquilo que o contrapõe, é invisibilizado, como os corpos negros, de comunidades, com religiões de matrizes africanas e travestis. Nota-se como em toda categorização realizado e construído por humanos, essas classificações são contrárias ao “admissível”, logo, sofrendo uma maior resistência e opressão diante outros, não chegando a espaços de poder, a hierarquização os puxa para baixo, portanto, com a produção acadêmica é minimizado pesquisas acima dessas questões e feitas por pessoas que os representem.

As principais críticas feitas pelo sociólogo Immanuel Wallerstein (1999), é que dentro de um mundo político, aqueles que sempre tiveram o poder de pesquisar os “outros”, não expressaram suas particularidades como devido e sim, apenas refletindo opiniões de si, já que consideram como válido, o universal e a universalidade estão versados em corpos do topo da hierarquia do poder, esquecendo todos os outros grupos.

Importante ressaltar as formas de dominação que ocorrem ao redor, desde os fatos da colonização, que colocaram em posições submissas os países colonizados, a sangria que corre pela parte vital da nação, pode ser vista até os dias de hoje, são as consequências da escravidão, genocídio, os estupros que deram origem à população mista e multicultural que vemos hoje em dia, atrasos quanto à educação, economia, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), onde negros ainda recebem metade dos brancos e são os 76% dos 10% mais pobres do Brasil e no todo social (TOKARNIA, 2016).

Por isso, a máxima dada aos saberes eurocêntricos, os tem como produtores de conhecimento, de teorias, que mesmo não adaptadas à nossa realidade, são aplicadas, pois são respeitadas e admitidas, na branquitude e ainda saber de superioridade colonial até os dias de hoje, tendo nosso país apenas como um receptor de seus escritos. Assim como o próprio estudo queer, realizado por países de língua inglesa e pouco disseminado no

nosso, onde não existe tradução clara para essa expressão, o afastamento da teoria pelo idioma, pela hierarquia, o afastamento para com aqueles que não estão presentes no espaço acadêmico.

Foram nesses espaços também que agiram como seio fomentador de questionamentos e início de revoluções, como a feminista, em consequência, chegando ao campo queer, recriando expressões, iniciando novos significados culturais com suas manifestações. A existência do queer é marcada em toda linha do tempo, causando nas características socioculturais, a instrumentalização da luta, as intervenções sociais que devem ser feitas e acompanhadas pela sociedade.

Finalmente representando a luta contra imposições e colocando em mesa para que todos possam ver os ideais de identidade, gênero, sexualidade, além da estrutura binária, hétero, patriarcal, machista. Com a teoria queer, compreende-se o estudo pós-estrutural, pós-identitário (LOURO, 2001), com políticas de intervenção à heteronormatividade compulsória.

Esse movimento de luta de classes, que anseiam e provocam modificações na humanidade, é chamado por Karl Marx (2004) como materialismo dialético, vindo as mudanças a serem resultado das mobilizações de sujeitos, os embates sociais (SPAREMBERGER, 2018). O queer aparece como uma forma de mediar culturas, visando à exclusão da normatização de papéis sociais e transformar a subalternização de sujeitos, em empoderamento.

Por meio da performatividade, conceito alargado pela filósofa Judith Butler (2008), trata a demonstrar os contínuos gestos e sinais no âmbito cultural que acabam por reforçar a elaboração de corpos padrões, vindo também das experiências vividas, por isso que seus signos são performativos.

Guaraci Lopes Louro (2008), ao levar a teoria queer para o âmbito político-educacional, acaba por tornar o marco brasileiro acerca do tema, trazendo a importância de produzir conhecimentos que se aplicam à nossa realidade, uma visão do corpo presente no subalterno. A autora também exemplifica como as influências dos meios atuais perpetuam um aparentar do “ser”, mas que, as transformações dos modos de transmissão de dados, facilitou repassar “novas formas de existência para todos”.

Essa fenomenologia é expressada para aproximar pessoas e naturalizar o corpo queer, suas falas, sua importância de ser e viver nesse mundo, onde os marcadores de sua diferença, são os mesmos a serem ressaltados como empoderamento e orgulho no movimento da política cultural (AHMED, 2006).

Com isso, a política de identidade passa a ser firmada como cultura, principal-

mente das minorias, tendo seu início na década de 60, surgindo novas maneiras de linguagem. Esses grupos subordinados, em meio a embates a sua condição de existência, tem como desígnio tornar todo o movimento visível, conseguindo lutar por si. Com a virada de visão sobre a cultura, tem-se também o vislumbre do amanhã, com representatividade, um impacto histórico a ser feito, assumindo características próprias na política de efetivar direitos humanos que sempre foram rejeitados para os grupos subalternos, é a política cultural, ganhando imprevisibilidade segundo o Stuart Hall (2006).

Esses movimentos sociais fundamentais adentram em ambientes que até então somente o homem branco cis heterossexual tivera como se manifestar, passando então a representar a si mesmos, uma “minoria”, assim considerada, em razão de quanto os rebaixaram, os oprimiram, os valores perante a sociedade que são tidos como descartáveis, mas de forma numérica sempre foram a maioria em todos os lugares.

*Por tudo isso, colocava-se, como uma meta urgente para os grupos submetidos, apropriar-se dessas instâncias culturais e aí inscrever sua própria representação e sua história, pôr em evidência as questões de seu interesse. A luta no terreno cultural mostrava-se (e se mostra), fundamentalmente, como uma luta em torno da atribuição de significados significados produzidos em meio a relações de poder. (LOURO, 2008, p.5)*

Portanto, foram os meios culturais que deram os primeiros indícios de luta que ocorria no núcleo de cada pessoa considerada como “desviante”, finalmente sendo um local que buscaram fazer parte, com roteiros e tentativas de expor histórias reais de violência cotidiana. A cultura passa a ser refúgio, com contínuas coisas a serem acrescentadas, quebrando paradigmas, as visões binárias, a romper barreiras delimitadas e sendo testemunha e auxiliar em um novo modo de viver. A sociedade da vigilância, o panoptismo, ideia vinda de Jeremy Bentham e exemplificada por Foucault (1999), traz um contexto de ser continuamente vigiado, o que esses grupos que sempre foram atentamente categorizados e punidos, ainda o são, mesmo com alguma progressiva visibilidade, não se pode deixar de lado todo o horror que foi e é vivido.

A sociedade disciplinar, assim como é chamada na teoria foucaultiana, é exercer um poder que utiliza corpos como fantoches, através de sua observação, vigilância e impondo normas a qual serão submetidos de forma integral. Como ressaltado por Foucault: “Pode-se então falar, em suma, da formação de uma sociedade disciplinar nesse movimento que vai das disciplinas fechadas, espécie de ‘quarentena’ social, até o mecanismo indefinidamente generalizável do “panoptismo” (1999, p.239). Podendo-se compreender que a coação é constante, para que haja um controle rigoroso, para impor uma “docilidade” ao sujeito. O terror visto são violências que ocorrem com a motivação de ser simplesmente contrário ao modo de vida de outra pessoa, como exemplo do absurdo encarado no Brasil, que ocupa a posição de país que mais mata transexuais no mundo (ANTRA, 2021).

O “outro” é o queer, que levanta consigo todas as novas categorias de cor-

po, sexualidade, expressões de identidade, recorrências escritas, orais, revolucionárias, que foram inscritas em marcos da história, realizando a mutação da própria cultura, que passa a ser meio de transportar todos seus sentimentos de persistência a direitos, para todos aqueles que não tinham acesso. É pelo uso acadêmico, de pesquisas e artigos, sua entrada e estabilização dada pela mídia, principalmente nos dias de hoje, a partir de redes sociais, o conhecimento na palma da mão e em contrapartida o ódio também estando, é uma via de dois gumes.

### 3 CULTURA IDENTITÁRIA DECOLONIAL

A transcendência presente com o modo plural de vida, em conceitos e referências, em corpos, pensamentos, o ser é objeto de estudo, que nasce como uma folha em branco, mas seu conjunto de experiências o molda. É o que Simone Beauvoir (1967) traria para o campo da pesquisa social, a noção de construção do sujeito, com sua escrita da obra “O Segundo Sexo”, ao relatar que “não se nasce mulher”.

O gênero foi um dos principais alvos de estudos acerca do tema humano e correlacionado às mulheres, o que Joan Scott (2017) explana em seu texto “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, em que o gênero deu sentido às relações de poder, entre os sexos. Essa historiadora traz um intrigante pensamento que esse sentido não seria o suficiente para mudar paradigmas sociais, era utilizado somente pela análise feminina, seu uso descritivo é utilizado para questionamento, mas não altera o poder existente.

O surgimento dessa nova área política, o feminismo, defende a perspectiva de construção dos seres, conseqüentemente sua análise começa a percorrer por outros grupos subalternos, até chegar ao queer, que também adentra ao espaço da pesquisa, que aberto pelo feminismo, recebe inovações de conceituações e sentidos.

*Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler, a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. (LOURO, 2001, p.7)*

As explicações atravessam campos morais, físicos, psicológicos, estudando em vertentes nunca vistas e criando pensamentos a serem fixados na história, ao interpretar o gênero, identidade, sexualidade, em seus mais diversos aspectos. As tomando como fontes de cultura para afirmar esses grupos que emergiam até a camada acadêmica, as

manifestações das diferenças que mudam conforme o tempo e o local que são analisadas.

Assim como em determinados países e em particular, de forma mais profunda em suas comunidades, seu olhar seja mais rudimentar, como visto por Bourdieu (2020) na Cabília, portanto, sua cultura é específica acerca das visões arraigadas de tradições, não podendo generalizar teorias estudadas na forma moderna, ao esperar que nesse ambiente se expressem de forma eurocêntrica, como é direcionado e onde é realizada a maioria dos estudos que são concebidos em atenção no campo da pesquisa.

A posição de subalterno pode ser vista aos corpos socialmente rejeitados que tentam produzir conteúdo e encontram os obstáculos sociais, como não merecedores de reprodução ao seu conhecimento, impedindo um maior saber sobre as diferenças, justamente por darem a posição única de criador de material a ser estudado, aquele que foi detentor desde o início das civilizações, em todo o estudo “científico” realizado, foi por e para o homem branco no topo da hierarquia do poder. Sendo assim, ele ainda detém a posição de fala sobre um tema que não mais o pertence e não o é de direito, finalmente abdicado por novos campos teóricos e políticos (LOURO, 2007).

A constante social passa a ser a melhor compreensão sobre as diferenças, seu estudo a ser integrativo nas culturas em todo o mundo, em ritmos e maneiras distintas. Assim como os corpos, que se têm sua existência antes de tudo ao seu redor chegar até sua consciência, a partir de sua identificação ser feita, o gênero é nomeado até mesmo muito antes do parto e ao realizar essa divisão binária pré-existente, inicia-se os procedimentos de que sejam adotados valores daquela determinada sociedade que está inserida e que estejam também presentes nele.

Dessa forma, esses conceitos respondem certas interrogações em determinadas épocas e locais, resposta que Foucault (1999) veria como dispositivo, um modo de interpretar a sexualidade, essa compreensão leva-se que o poder nesse sentido deve abordar todas as direções necessárias. Dessa maneira, cria-se uma potencialidade para demonstrar novos sujeitos de conhecimento, com argumentações a partir de performatividades (BUTLER, 2008) do que seria o feminino, masculino, o gênero neutro, a relação matrimonial, as diversas combinações de relacionamentos atuais. Com isso, a reinvenção do que era anteriormente descartado perante todos, passa a ser objeto centralizado do mundo contemporâneo.

Essa reinvenção conta com o poder de também se manifestar profundamente na cultura, áreas privadas e públicas, questionamentos das instituições e organizações que até então eram principais colaboradoras para perpetuar a violência simbólica (BOURDIEU, 2020) e a ação social tradicional, presente no livro “Economia e Sociedade” (WEBER, 2004). Finalmente obtendo uma maneira de efetivar a elevação de saberes vindas do subalterno, almejando afastar visões somente eurocêntricas, padronizadas e de poderio capitalista,



excluir as formas de dominação de corpos em seus diversos âmbitos.

Fora dessa hierarquia de valores, vem a transformação da racionalidade de povos vistos como “minoritários” e suas produções que trabalham em seu núcleo sobre as diferenças e instabilidades sociais que estão inseridos. Assim, se faz a problematização de toda a estrutura binária que se conhece e levando a sociedade a pensar sob o ponto de vista queer em assuntos determinados, é a abordagem da diferença, através de pensamento empático e sobretudo, a alteridade (POCAHY, 2015).

*Tenho argumentado que as transformações trazidas por esses campos, provavelmente, ultrapassam o terreno dos gêneros e da sexualidade e podem nos levar a pensar, de um modo renovado, a cultura, as instituições, o poder, as formas de aprender e de estar no mundo (LOURO, 2007).*

As vivências sociais, que é a fenomenologia de dar sentido às experiências que transcendem (AHMED, 2006), são marcadores de identificação em todas as pessoas, que tentam demarcar sujeitos e no que se classificam no binarismo, o estudo queer se opõe a toda essa superestrutura, para demonstrar que aqueles são conceitos impostos pelas relações de poder e como saberes subalternos também são utilizados como forma de luta política, no anseio de haver equidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se dessa maneira que os estudos queer, de fato, funcionaram além de como um motor revolucionário sobre a sociedade, mas atingindo campos antes não analisados na perspectiva LGBTQIA+, como a educação, já que nesta tem-se um maior rigor tradicional até os dias de hoje, sobre como os alunos receberam informações, havendo inclusive manifestos sobre a “ideologia de gênero” ou tudo aquilo que envolve explicar sobre a educação sexual no ambiente escolar ganhou em si uma enorme resistência, fazendo com que também dificulte debates necessários.

A interseção realizada de forma específica sobre a cultura e suas direções apontadas pelo queer, o “rebelde”, demonstra em todos os âmbitos que chega, a passarem a ter novos significados e explicações também com inovações de seus conceitos, seja na mídia, nos livros, debates no meio acadêmico e suas ferramentas, a linguagem sendo um modo importante de estratégia sobre a cultura adentrar em pareceres não-binários, uma escrita não sexista, misógina, homofóbica, entre outras formas estigmatizantes, que o campo da leitura passa a ser fonte de embate.

A educação e cultura queer inscreve sua pluralidade na sociedade, em espaços dominantes, mas que sua representação e diversidade aos poucos passaram a também fazer

parte de sua estrutura, a desconstruindo. Sua resistência mostra a todos a grandiosidade de pontos a serem observados e direções que podem ser percorridas, com suas tentativas de expor seu pensamento teórico e político de que sejam deixadas de lado as obrigatoriedades impostas pelos padrões naturalizados sobre os corpos.

Os estudos subalternos deram vida ao invisibilizado, cores aos movimentos e espalharam suas correntes de opinião em todo o mundo, até que há um giro epistemológico e passa a ser parte de uma cultura também universalizada, que foi ganhando espaço. Assim como compreendido também por Guacira Louro (2007), não se pode iludir com tais fatos e imaginar que a melhora foi tamanha para esquecer-se de dar continuidade à luta, os ganhos realizados não foram o suficientes, visto que a quantidade de tipos de violência que ocorrem no cotidiano é assustadora, não se pode esquecer-se da violência simbólica (BOURDIEU, 2020).

A cultura como conhecemos foi modificada também de uma forma inédita, com vitórias no âmbito dos direitos humanos, mas irrisórias se comparadas ao quanto de perdas a comunidade LGBTQIA+ sofre todos os dias ao redor do mundo, em uma opressão já institucionalizada, por meio de igrejas, escolas, famílias, em contrapartida ao movimento que ganhou cor, tem-se por outro lado um ódio crescente e extremista.

O estudo queer, assim como todos os outros saberes subalternizados, deve ganhar cada vez mais espaço, utilizando-se dos meios necessários, como a literatura, cinema, as artes como um todo. Demonstrando discursos subversivos, instaurando visões de descolonização, a partir de contestações e utilizando-se da linguagem, o aparato acadêmico como forma sequenciadora e que espalhe a todos, uma comunicação de diversidade e pluralidade.

Somente podendo ser realizado a partir de um pensamento de fronteira, que Mig-nolo refere-se às diferenças coloniais e tenta criar a partir da fala subalterna, justamente uma solução a desvincular-se de um conhecimento heteronormativo compulsivo, impulsionador de produções capitalistas (AGUIAR, 2020, p.15).

Dessa forma, a diferença colonial, advinda de relações históricas, política e social entre países, que explorou e violentou os grupos minoritários, moldaram estruturas da sociedade que tem-se hoje, portanto, as teorias queers crescem para embater o eurocentrismo em todos seus teores de imposições, sobre gênero, sexualidade e identidade, com a necessidade de defender uma lógica epistemológica própria e criar políticas insurgentes para garantir direitos, com ideais indispensáveis à descolonização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Rafael. Queer Como Desobediência Epistêmica: Reflexões e possibilidades de subversões à matriz cisheteronormativado sistema moderno/colonial de gênero. *In: VirtuaJUS*, v. 5 n. 8, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/virtuajus/article/view/23041>>. Acesso em: 28 dez. 2021.
- AHMED, Sara. Orientations: Toward a queer phenomenology. *In: A Journal of lesbian and gay studies*, v.12,n.4, 2006. p.543-574. Disponível em: <<https://static1.squarespace.com/static/58ad660603596eec00ce71a3/t/58bec800b8a79b7c599de24a/1488898050432/Orientations+Toward+a+Queer+Phenomenology.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2021.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: A experiência vivida. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. Disponível em: <<https://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Beauvoir,%20Simone%20de%20O%20Segundo%20Sexo%20-%20I.pdf>>. Acesso em: 20 set. de 2021.
- BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara. BOLETIM Nº 002-2021. *In: ANTRA Brasil*, 2021. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/07/boletim-trans-002-2021-1sem2021-1.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Ed. 16. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2017/08/butler-problemas-do-gccc82nero.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2021.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Ed. 20. Editora Vozes, 1999. Disponível em: <[https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault\\_vigiar\\_punir.pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2021.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em: <[https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com\\_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf](https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2021.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- LOURO, Guacira. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *In: Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 46, p.201-218. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/5mdHWDNFqgDFQyh5hj5RbPD/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 23 set. 2021.
- LOURO, Guacira. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *In: Pró-posições*, v.19, n.2, p.17-23. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYyVC/?lang=pt#ModalArticles>>. Acesso em: 24 set. 2021.
- LOURO, Guacira. **O Corpo Educado**: Pedagogias da sexualidade. 2 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2021.
- LOURO, Guacira. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *In: Revista Estudos Feministas*, v.9, n.2, p.541-553,2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkt9BXvLXvTvHMr/?lang=pt#ModalArticles>>.

Acesso em: 24 set. 2021.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos**. Ed. 1. São Paulo: Editora Boitempo, 2004. Disponível em: <<https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/manuscritos-econc3b4mico-filosc3b3ficos.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2021.

PIRES, Eliane Cristine Raab. **Oscar Wilde**: a tragicidade da vida de um escritor. Série Estudos, n.º 77. Bragança: Instituto Politécnico. 2005. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/963>>. Acesso em: 20 set. 2021.

POCAHY, F. (Micro)políticas Queer. In: **IV Enlaçando sexualidades**: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 223-233. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/mg3c9/pdf/messeder-9788523218669-12.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2021.

SCOOT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. p.71-99. 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 22 set. 2021.

SPAREMBERGER, Cristian. O Estado no pensamento de Max Weber: Além da dominação e da racionalização. In: **XXIII Jornada de Pesquisa**, UNIJUÍ, 2018. Disponível em: <<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/10328/8990>>. Acesso em: 20 set. 2021.

SPARGO, T. **Foucault e a teoria queer**. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2017. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/n5188c1>>. Acesso em: 19 Sep 2021

TOKARNIA, Mariana. Educação reforça desigualdades entre brancos e negros, diz estudo. In: **Agência Brasil**, 2016. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/educacao-reforca-desigualdades-entre-brancos-e-negros-diz-estudo>>. Acesso em: 20 set. 2021.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Análise dos sistemas mundiais**. Teoria Social Hoje. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3001959/mod\\_resource/content/0/WALLERSTEIN%2C\\_I.\\_An%C3%A1lise\\_dos\\_sistemas\\_mundiais%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3001959/mod_resource/content/0/WALLERSTEIN%2C_I._An%C3%A1lise_dos_sistemas_mundiais%20%281%29.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2021.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensiva. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2004. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4239311/mod\\_resource/content/0/AULA%202%20-%20C%20-%20Weber-economia-e-sociedade%20-%20volume-2.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4239311/mod_resource/content/0/AULA%202%20-%20C%20-%20Weber-economia-e-sociedade%20-%20volume-2.pdf)>. Acesso em: 18 set. 2021.

Recebido em 21/11/2021

Aceito em 17/01/2022